

UMA CARREIRA EXEMPLAR

A Marinha do Brasil (MB) possui dois órgãos de formação para oficiais de carreira: a Escola Naval, para os Corpos da Armada, de Fuzileiros Navais e de Intendentes da Marinha, e o Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW), para as diversas especialidades que compõem os Corpos de Engenheiros, de Saúde (Quadros de Médicos, Cirurgiões Dentistas e Apoio à Saúde) e Auxiliar (Quadros Técnico, Capelães Navais, Auxiliares da Armada e Auxiliares Fuzileiros Navais), além dos Quadros Complementares da Armada, de Fuzileiros Navais e de Intendentes.

Após o Curso de Formação do CIAW, os oficiais assumem funções em navios e em organizações de terra, aplicando seus conhecimentos e exercendo sua liderança. Nessa singradura, muitas serão as oportunidades de aprimoramento pessoal, que,

enfrentadas com honra, dedicação e determinação, resultarão em realização profissional e reconhecimento institucional.

Nesta edição, entrevistamos a Capitão de Fragata Marcia Braga, oficial do Quadro Técnico, habilitada em Tecnologia da Informação (TI), que ingressou na Marinha em 2001 e, no início de 2025, retornou de Nova Iorque, EUA, onde trabalhou por quatro anos no Departamento de Operações de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2018-2019 já havia exercido a função de Assessora Militar de Gênero e Proteção de Civis da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA), quando, por sua destacada atuação, foi a primeira brasileira agraciada com o Prêmio de Defensora Militar da Igualdade de Gênero da ONU.





Cerimônia de entrega do *Military Gender Advocate of the Year* pelas mãos do Secretário-Geral da ONU, Sr. António Guterres, em 29 de março de 2019
Imagem: acervo da ONU

Conforme veremos, trata-se de uma carreira exemplar, que serve como inspiração para os demais militares e para os jovens que estão em busca de um rumo para suas vidas.

RCN • Sua vivência militar teve início no Curso de Formação de Oficiais, no CIAW. Quais foram

os motivos que a levaram a optar pela carreira militar e mais especificamente pela Marinha?

Sempre admirei a Marinha e suas tradições. Desta forma, quando abriu o concurso para Processamento de Dados, uma das profissões pertencentes ao Quadro Técnico e na qual era recém-formada, não tive dúvida em tentar ingressar na Força. Ao longo do tempo, entendi que cada carreira na Marinha é única e que o verdadeiro sucesso depende muito mais das escolhas e dedicação de cada um.

RCN • Ao longo de sua trajetória na instituição, quais foram suas principais funções?

Inicialmente, destaco as funções relacionadas ao Controle Naval do Tráfego Marítimo, área em que atuei por mais de dez anos. Também trabalhei no Departamento de Oficiais da então Diretoria do Pessoal Militar da Marinha, preparando informações para a Comissão de Promoções de Oficiais, posição sensível e de grande responsabilidade. Entretanto, meu maior destaque ocorreu nas atividades da ONU, desde a minha ida para a MINUSCA como Assessora Militar de Gênero e Proteção de Civis, seguida da função de encar-



Reunião com organização de mulheres locais na MINUSCA
Imagem: acervo pessoal



Trabalho junto aos grupos de engajamento feminino na MINUSCA
Imagem: acervo MINUSCA

regada do Centro de Operações de Paz de Caráter Naval no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC), culminando no quartel-general da ONU em Nova Iorque (UNHQ-NY), onde atuei por quatro anos como Oficial de Comunicação Estratégica no Escritório de Assuntos Militares – trabalho pioneiro em que delineei mecanismos para assegurar que o uso estratégico da comunicação fizesse parte do planejamento militar das operações de paz daquela organização.

RCN • O processo de ascensão aos postos de maior precedência exige conhecimentos que, via de regra, extrapolam a formação técnico-profissional, como gestão de pessoas e administração de recursos financeiros. Qual sua perspectiva sobre essa questão e de que forma ela se manifestou em sua carreira?

Desde o início fui responsável por liderar equipes, algo esperado para um oficial. Mas com o decorrer do tempo e com a ascensão na carreira o grau de dificuldade foi aumentando, principalmente em situações em que havia carência de pessoal e recursos. Entretanto, vejo que aqueles que tiveram a oportunidade de passar por posições mais desafiadoras e diversas, ficam melhor preparados. Na minha carreira, passei por várias situações em que não tive tempo ou recursos para o preparo ideal, ou seja, a necessidade surgiu e a Força me confiou a missão. O que me ajudou

nestas situações foram minhas experiências ao longo da carreira, assim como a observação dos aspectos de liderança de meus comandantes. A formação de um militar é complexa e diferenciada, todas as vivências contam para os desafios que surgem logo à frente. A maneira como a carreira vai se delineando é um fator crucial para o preparo de um militar, sem esquecer, é claro, da formação continuada ao longo do tempo.

RCN • Sua atuação como Assessora de Gênero na ONU é uma inspiração para vários militares que desejam realizar suas aspirações por meio das oportunidades institucionais disponíveis. Como foi possível alcançar este propósito e como essa singular oportunidade surgiu?

Depois do voluntariado para a missão e do curso financiado pela MB em Uganda, defino como fundamental minha avaliação inicial sobre a situação em que se encontrava a República Centro-Africana (CAR). Como fui a primeira oficial a delinear como seria o trabalho do assessor militar de gênero e proteção de civis, posição que assessorava diretamente o Comandante da Força, e dada a complexa situação de segurança do país, o plano de ação que fiz com base na prevenção de violações contra a população local, principalmente mulheres e crianças, foi crucial para estabelecer as medidas a



Colegas de trabalho do *Current Military Operations Service (CMOS)*
Imagem: acervo pessoal



serem implementadas, assim como manter o foco no objetivo principal. Ademais, era uma forma de documentar todo o processo que estava sendo iniciado. A ideia era que, com o encerramento da minha missão, as ações continuassem. Adicionalmente, diria que a liberdade de ação que recebi do Comandante da Força foi vital para a efetividade do trabalho; sem as diversas viagens aos setores (nível operacional) e batalhões (nível tático) não seria possível a real compreensão de como a população estava sendo afetada pelo conflito, nem proporcionar os treinamentos planejados para as tropas. Quando eu viajava era o momento em que entendia a real dimensão do conflito, principalmente em minhas interações com as lideranças femininas locais. Visitei todos os setores e a maioria dos batalhões da ONU na CAR.

Voltando ao início, a oportunidade de ser assessora de gênero e proteção de civis na MINUSCA surgiu devido a uma nota em BONO⁽¹⁾. A partir do meu voluntariado, concorri ao posto com uma oficial do Exército Brasileiro, algo que ocorre quando a vaga é nova e não pertence a nenhuma das três Forças. Desde então, como fui a escolhida após um processo seletivo do Ministério da Defesa, a função pertence à Marinha do Brasil. Vale destacar que, na época, não havia os cursos voltados para mulheres em missão de paz aqui

no Brasil, então minha decisão foi envolta com pouquíssimas informações sobre como seria a realidade do terreno, principalmente da MINUSCA em questão.



Imagem: acervo pessoal

RCN • Quais foram seus maiores desafios vivenciados até aqui? Quais as dificuldades e os principais ensinamentos nas duas comissões no exterior?

De forma geral, meu maior desafio foi logístico, por mais estranho que pareça. No Rio de Janeiro destaco a questão da mobilidade urbana e o enorme tempo que se perde no trajeto casa x trabalho x casa, sobrando pouco tempo para cursos de qualificação profissional. No meu caso, eu usava meus finais de semana para estudar idiomas e outros tópicos de interesse. Na República Centro-Africana não foi diferente, local que tinha um conflito deflagrado na capital Bangui e não havia acomodações para os militares que serviam no quartel-general da Força, nem viaturas suficientes. Adicionalmente, considero como um grande desafio os recursos limitados, tanto pessoal quanto financeiro, principalmente em face à crescente demanda nos diversos setores das Forças Armadas e nosso comprometimento com o cumprimento da missão, por mais complexo que algumas vezes o seja.

Dentre as dificuldades, destaco criar algo diferente. Como iniciei duas atividades do princípio, mudar o *mindset* foi bastante complicado. Por várias vezes percebia que as pessoas não entendiam o verdadeiro propósito do trabalho, o que atrapalhava a aquisição de recursos e o engajamento necessário para a efetividade das atividades. Então, vejo como um grande ensinamento o uso contínuo da comunicação proativa e o trabalho cotidiano de convencimento. Construir aliados é importante para atingir os objetivos definidos.

RCN • Após mais de duas décadas de serviço, a senhora considera que suas expectativas quanto à carreira foram realizadas?

Completamente. Eu diria que foram muito além do que eu imaginava, algo que somente ocorreu porque segui o que eu acreditava ser o certo a fazer, mesmo quando envolvia sacrifício pessoal, além, é claro, das oportunidades que a Força me proporcionou. Lembro que quando iniciei a carreira, minha expectativa era relacionada à área de TI e aos cursos de mestrado e doutorado que poderia fazer. Entretanto, com o decorrer do tempo outras possibilidades foram se abrindo, principalmente

no setor operativo, e mesmo como uma profissional de TI tive a chance de desempenhar atividades que foram altamente enriquecedoras para o meu currículo e vida pessoal. Algo que mudou definitivamente a minha trajetória. Neste sentido, resalto o caráter inclusivo da Marinha, instituição que segue os princípios da meritocracia, em que a carreira depende do comprometimento e dedicação de cada um.

RCN • Que conselho daria aos jovens militares que iniciam carreira na Marinha e desejam explorar todo o potencial que ela pode oferecer?

Focando no lado mais técnico, eu diria a importância de se qualificar nas áreas de interesse da MB e estudar idiomas, principalmente o inglês. No meu caso, servi na MINUSCA por falar inglês e francês. Sem um ou outro, eu não estaria preparada para a função. Outro ponto importante é ler o BONO, o militar deve ficar atento às oportunidades oferecidas pela Força, algo que somente o próprio militar pode fazer. Ressalto, ainda, o fato de se ter um diferencial. Durante um processo seletivo, estar à frente em algum ponto do currículo pode ser um fator decisivo para a escolha do militar. Entretanto, todo o esforço será em vão se o aspecto militar não estiver a contento. A carreira é um somatório de fatores. Vou exemplificar com minhas duas comissões no exterior; a MINUSCA e o UNHQ-NY eram missões em que eu representava o Brasil. Um militar indisciplinado e não comprometido daria uma péssima impressão sobre nossas Forças Armadas, além de fechar as portas para aqueles colegas que quisessem ter a mesma oportunidade no futuro. Com certeza, este tipo de militar não passaria pelo processo seletivo que ocorre dentro da própria MB. Desta maneira, aconselho aos mais jovens cuidar de todos os aspectos de carreira, somente desta forma é possível a construção de uma história de sucesso na Marinha do Brasil. ■

NOTA

(1) Boletim de Ordens e Notícias: informativo diário divulgado em todas as Organizações Militares da Marinha